

# OS MADREDEUS E A SAUDADE DO FUTURO: UM ENCONTRO COM AGOSTINHO DA SILVA

ARTUR MANSO

*Portugal é um sítio com alma.  
Os portugueses são um povo profundo e com muita alma.*

NICK CAVE

1. Sabendo que Agostinho da Silva tinha verdadeira aversão pela Saudade tal como se tornou consensual considerá-la na cultura portuguesa e sendo os MadreDeus uma das bandas contemporâneas portuguesas de maior sucesso em todo o mundo, com um repertório nostálgico e plangente, quais serão, por isso, as interseções entre ambos? Em meu entender, são bastantes, porque o conceito de Saudade em Agostinho deve ser entendido de forma alargada e não na hermenêutica do discurso clássico que a consagrou na literatura e na poesia.

Em ambos os casos aparece a Saudade associada ao Mar (e aos Heróis do Mar, banda musical fundada por Pedro Ayres Magalhães), ao Horizonte, ao Amor, à Criança e ao Futuro. Se mais não houvera para a convivência desse legado entre Agostinho e o fundador da banda Pedro Ayres Magalhães, basta lembrar que um dos companheiros dos tempos de juventude do músico e compositor, foi Paulo Borges<sup>1</sup>, estudioso da Saudade e de Agostinho que em 1988 compilou e organizou o volume *Dispersos*<sup>2</sup> de Agostinho da Silva. Borges esteve, também, de uma ou outra maneira ligado a algumas bandas fundadas por Ayres Magalhães. São parcas as referências dos seus projetos ao pensamento de Agostinho, ao contrário do que acontece com os Blasted Mechanism, banda portuguesa de rock alternativo surgida em 1995 que explicitamente refere o legado de Agostinho no seu repertório, constando em algumas faixas dos seus álbuns, o pensamento e a voz de Agostinho da Silva, bem como a imagem em videoclipes por eles editados.

Agostinho ainda estava entre os vivos quando os MadreDeus se tornaram conhecidos do grande público e não se conhece nenhuma referência sua à banda,

---

<sup>1</sup> Sobre o assunto ver os volumes: Borges, Paulo, *Da saudade como via de libertação*, Matosinhos, Quidnovi, 2008; Borges, Paulo, *Presença ausente. A saudade na cultura e no pensamento português*, Lisboa, Âncora, 2019.

<sup>2</sup> Cf. Agostinho da Silva, *Dispersos*, Lisboa, ICALP, 1988.



mas isso não é de estranhar porque ele não era pródigo em considerações sobre autores e obras contemporâneas. Só de passagem! O seu presente era aquele que pudesse ligar os feitos e defeitos passados dos portugueses que para si se deviam arvorar em mediadores na construção do futuro de paz e harmonia da humanidade porque tanto almejava.

2. Os MadreDeus editaram o primeiro álbum intitulado *Os Dias da MadreDeus* em 1987, mas para esta temática poder-se-ia, também, aproveitar, em contraste, o legado da banda anteriormente fundada no ano de 1981 por Ayres Magalhães os *Heróis do Mar*, nome que é a trasladação do primeiro verso do Hino Nacional, *A Portuguesa*. Numa época em que a memória do Estado Novo estava ainda muito presente, o visual da banda, caracterizado por uma estética nacionalista, cujas letras refletiam a glorificação de um Portugal passado, mesmo que bem mais distante que o ainda tão presente Estado Novo, originou várias polémicas em torno do grupo, cujas letras e simbologia dos videoclipes mantinham vivo o interesse por Portugal e os portugueses: do passado, do presente e do futuro, ou apenas do eterno presente. Ao grupo esteve ligado Paulo Borges que compôs letras como *Brava Dança dos Heróis*:

«Oh Grande tribo, naces do cio / De bélicas Deusas à beira rio / Brava Dança dos Heróis / Sagras a vida quando guerreias / À luz macia das luas cheias / ... / Dos fracos não reza a história / Cantemos alta nossa vitória / ... / Corpos caídos na selva ardente / A terra fértil do sangue quente / ... / Dos feitos a glória há de perdurar / Mesmo se a morte nos apagar.»

E *Amantes Furiosos*:

«Raça eterna / Almas ardentes / Suplício feroz / Amor e ódio / Morte honrosa / Sacra nobreza / Cruel inocência / Chama de triunfo / Paixões violentas / Amantes furiosos / Fiéis ao romance / (Cruzaremos rotas sem fim)»

Mesmo na fase da juventude, de procura de ideias e de significados para a identidade de um país que se desejava pleno, a tentar a união de todos aqueles que o constituíam e que se encontravam desirmanados, fruto, ainda, da revolução de 1974, que de novo pensava que o futuro de Portugal era afastar-se do nacionalismo e tradição milenar para se diluir, definitivamente, num projeto internacionalista, agora numa sociedade sem classes marxista-leninista. Nesta confusão de identidade surge o clamor *Saudade*:

«Ao redor desta fogueira (saudade) / Enquanto as armas descansam (saudade) / Deito os meus olhos aos céus (saudade) / Pelas estrelas dos teus



/ Saudade / Amada / Senhora / Pomba de cristal / ... / Fogo de paixão /  
... / Lágrima do céu / ... / Morro de paixão / ... / Peito rasgado de amor  
(saudade) / Troa o rufar do tambor (saudade)»

No emaranhado de ideias e de políticas sobre o destino dos povos e o lugar particular e único que cada um deles ocupa à face da terra, os guerreiros da palavra feita canção que desejam ser transportadas de costa a costa pelas ondas do mar, vão evocar *O Inventor*:

«É muito difícil dar a entender o que é Portugal / O inventor de Portugal foi um português / À beira da velha Europa fica Portugal / A língua que estás a ouvir é o português / O marinheiro que foi à Índia era português / O aviador que foi ao Brasil foi de Portugal / Portugal tem muita gente muita tradição / Mas o que tem de mais diferente é o português / O vento sopra, o barco tem medo / Às armas, às armas / O capitão não sabe o segredo / O inventor de Portugal era português / Mas nunca escreveu nem publicou o que é Portugal / É muito provável que a riqueza do mundo esteja em Portugal / Mas quem não sabe nem tem certezas é o português / À volta dos livros não sabe quem é mas é Portugal / À volta do mundo atrás da fortuna anda o português / E todo o planeta devia telefonar para Portugal / Para que se saiba no fim de contas quem é português...»

3. Os MadreDeus vão romper com o estilo mais roqueiro, *beligerante* e sentimentalista no sentido mais clássico da Saudade, mantendo a portugalidade no centro das suas letras: definitivamente passam do material para o imaterial, do físico para o espiritual. Já não é o sentimento de conquista física, de alargamento do espaço, a resistência ao invasor, que lhes interessa, mas sim a renovação interior de cada ser plasmado no espírito da paz que passa a caracterizar os portugueses e dará título ao terceiro álbum da banda editado em 1994.

Estes rasgos bastariam para revelar a afinidade com o pensamento agostiniano, pois o juízo negativo em torno da Saudade por parte de Agostinho, refere-se apenas à tradição saudosa estudada e comentada até à exaustão como um sentimento próprio dos portugueses, sempre ligada ao tempo áureo e à decadência da Nação que se lhe seguiu<sup>3</sup>, e também ao fado que ganhou estatuto de canção

---

<sup>3</sup> Desta via de análise mais clássica e tradicional destacam-se os seguintes volumes: Botelho, Afonso e Teixeira, António Braz (coord.), *Filosofia da Saudade*, Lisboa, IN-CM, 1986; Botelho, Afonso, *Da saudade ao saudosismo*, Lisboa, IFLB, 1990; Costa, Dalila P. da, e Gomes, Pinharanda, *Introdução à saudade*, Porto, Lello & Irmão, 1976; Lourenço, Eduardo, *Portugal como Destino Seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999; Lourenço, Eduardo, *O labirinto da saudade*, Lisboa, Gradiva, 2001; Teixeira de Pascoaes, Teixeira de, *A Saudade e o Saudosismo – Dispersos e Opúsculos*, org. Pinharanda Comes, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988; Vasconcelos, Carolina Michaelis de, *A saudade portuguesa*, Lisboa, Guimarães Ed., 1996.



nacional. Agostinho combate esta via e apresenta uma outra mais alargada ligando a Saudade não ao passado, mas ao futuro em uma caminhada de esperança, não de reencontro dos portugueses com o Portugal maior de outrora, mas do esforço conjunto de todos para, sendo nada em tudo, edificarem as bases da *Parusia* que haverá de acontecer.

O primeiro álbum *Os dias da MadreDeus* (1988) marcará o interesse da banda por essa saudade do futuro que se cristaliza em cada momento do presente tal como aparece em *Amanhã*:

«A vida não me larga / O mundo não me foge / A estrada é grande e larga / E eu levo o albornoz / Caminho à luz do dia / Por campos e montanhas / E bebo a água fria / E a sede não me apanha / E o céu ali é lindo / Azul, e eu não resisto / Ao céu, ao céu profundo / Distante / E eu insisto / Caminho à lua nova / Caminho à lua cheia / Caminho à lua nova / E a sede não me apanha / ... / Amanhã / Amanhã / Amanhã...»

Mas a Saudade do futuro também deixa amargura no tempo presente como é revelador *Adeus... E nem voltei*:

«Adeus, dissemos / E nada mais de então ficou / De asas quebradas / Foi a ave branca que voou... / Voa lá alto, que eu morro, / Bem sei, sem voltar / Cantem as aves do monte / Que eu fui ver o mar... / Ai, não sei de mim! / Ai, não sinto nada! / Ai... E nem voltei...»

Em *Existir* (1990), segundo álbum da banda, aparece um dos temas mais marcantes porque junta o passado ao presente e ao futuro, numa espécie de continuidade do retorno do eterno como é expresso no tema *O Pastor*:

«Ai que ninguém volta / Ao que já deixou / Ninguém larga a grande roda / Ninguém sabe onde é que andou / Ai que ninguém lembra / Nem o que sonhou / E aquele menino canta / A cantiga do pastor / Ao largo ainda arde / A barca da fantasia / E o meu sonho acaba tarde / Deixa a alma de vigia / Ao largo ainda arde / A barca da fantasia / E o meu sonho acaba tarde / Acordar é que eu não queria...»

Para alimentar o contínuo é preciso muito mais que a repetição ritmada de um tempo que nos escapa ou que a sua recomposição pelos fragmentos que deixaram de representar o todo de onde se desprenderam. Estar aberto ao novo e saber antecipar os seus constrangimentos, implica ter *A vontade de mudar*:

«Pobre / De quem não tem / De quem / não tem ninguém / e sonha / que nunca é tarde / quando encontrar alguém / Leva / a vida inteira / perde a noite a chorar / e guarda / sem saber onde / a vontade de mudar...»



Pedro Ayres Magalhães em entrevista ao *Observador online* 07 agosto de 2021, quando questionado sobre se tem saudades, responde:

«Muitas. Escrevi muitas canções sobre a saudade e até criei um grupo sobre a saudade, que são os MadreDeus, porque acho que a saudade é um grande contributo português para a saúde mental no mundo. A maneira como vivemos a saudade deixa-nos ter presente tudo o que é ausente. Na poesia portuguesa é possível viver a vida toda com a vida que já se viveu, com as alegrias e os desgostos. Recordo a minha vida com uma alegria fantástica.»

A Saudade é o tema do seu reportório, e as palavras em que a refere, com essa nostalgia do passado, na verdade não corresponde ao mais profundo das suas letras que a ligam ao futuro e se preocupam com esse estar a caminho entre uma realidade já ida por um desejo de um mundo a vir, não para recuperar o perdido, mas para encontrar a eternidade. Entre o passado e o futuro, entre o estilo nacionalista dos tempos dos Heróis do Mar e as melodias do tempo todo que a voz melíflua de Teresa Salgueiro eleva a outro patamar, ao lugar do Paraíso, do tempo uno, do tudo em todos e de todos em todas as coisas, a viver no presente de Portugal, com o conhecimento do passado e o desejo do futuro, refere:

«Não me parece que tudo tenha piorado em Portugal, embora o país esteja a viver a fase da sua história mais rica e as pessoas nunca viveram tão bem. O que está a acontecer é uma desestruturação daquilo que podia vir a ser o nosso país. Não que ache que os portugueses não devam viajar, mas não os queria a emigrar ou a fugir daqui.»

Não é fácil viver no país da Saudade ainda que seja com o futuro no horizonte. Em todo o caso compete que os portugueses saibam dar sentido à Saudade, não como melancolia mas sim como alegria, ainda que dorida como espelha *O Espírito da Paz* (1994). Aí se pensa em *Três ilusões: Amargura*:

«Amargura, descansada e triste / ... / Parece lonjura ou medo? / É quase certo / que nada existe; / nada está perto, / nem eu estou triste.»

Talvez a sensação de que nada exista se deva apenas aos reflexos da luz nas águas do mar que ferindo o olhar torna encoberto a realidade mesma. Como se diz em *O Mar*:

«Não é nenhum poema / o que vos vou dizer / Nem sei se vale a pena / tentar-vos descrever / O mar / O mar / E eu aqui fui ficando / só para o poder ver / E fui envelhecendo / sem nunca o perceber / O mar / O mar...»



A paz constrói-se ou alcança-se com os olhos no horizonte e com o centro em si mesmo. Cada um é um todo que espera ver chegar aquilo que mais procura como reflete em *Vem (Além de toda a solidão)*:

«Vem / Além de toda a solidão / perdi a luz do teu viver / Perdi o horizonte / Está bem / Prossegue lá até querereres / mas vem depois iluminar / um coração que sofre / Pertença-te / até ao fim do mar / Sou como tu / Da mesma luz / Do mesmo amar / Por isso vem / Porque te quero / consolar / Se não está bem / Deixa-te andar a navegar...»

Como refere Miguel Torga “o destino destina, o resto é comigo”. E o resto é a vida toda de cada um no entrelaçado da angústia e da alegria, essa mistura melancólica que se encontra com o *Destino*:

«Águas paradas / Claro luar / um quase nada / muito melhor / Nesta viagem que comecei / Grave miragem a mim chamei / Se foi meu destino / contar uma história tão breve / é longo o caminho / mas a alma quer / Se foi meu destino / Cantar com uma voz que me chora / é longo o caminho / mas a alma adora...»

A lonjura do caminho dirige-se ao mar infinito que no horizonte se perde mas não acaba, continuando por se prolongar em porvires múltiplos que não se deixam aprisionar como é patente em *Ao Longe o Mar*:

«Porto calmo de abrigo / De um futuro maior / Ainda não está perdido / No presente temor / Não faz muito sentido / Já não esperar o melhor / Vem da névoa saindo / A promessa anterior / Quando avistei ao longe o mar / Ali fiquei / Parada a olhar / Sim, eu canto a vontade / Canto o teu despertar / E abraçando a saudade / Canto o tempo a passar / Quando avistei ao longe o mar / ... / Sem querer deixei-me ali ficar...»

Assim será o Paraíso o lugar para viver e estar em paz, ou é o paraíso que só do espírito da paz se pode erguer. Ao espírito da paz segue-se o álbum *O Paraíso* (1997) que plasma o ainda não acontecido, o desejo de plenitude que se vive como espécie de quimera. Aí se diz na faixa que lhe dá título, *O Paraíso*:

«Subi à escada de papelão / Imaginada / Invocação / Não leva a nada / Não leva não / É só uma escada de papelão / Há outra entrada no Paraíso / Mais apertada / Mais sim senhor / Foi inventada / Por um anão / E está guardada / Por um dragão / Eu só conheço / Esse caminho / Do Paraíso...»

Só aos simples, como as crianças que sem tempo nem ocupação brincam à beira mar como em qualquer outro lugar, construindo castelos de areia que o



marulhar das ondas alisa de seguida, terão o caminho facilitado para o paraíso. Mesmo que o mar se apresente em ondas revoltas, sempre haverá um lugar para brincar, permanecer e sonhar; *A Praia do Mar*:

«Corre a menina à beira do mar / corre, corre, pela praia fora / que belo dia que está, não está / e o primeiro a chegar não perde / Andam as ondas a rebotar / e o relógio a marcar horas / a sombra é quente, e quase não há / e o sol a brilhar já ferve / Corre a menina à beira do mar / corre enquanto a gaivota voa / vem o menino para a apanhar / e a menina sentindo foge / Anda o barquinho a navegar / vem do Porto para Lisboa / foge a menina da beira mar / foge logo quando a maré sobe / ... / E é tão bonita a onda que vem / como a outra que vejo ao fundo / a espuma branca que cada um tem / é a vida de todo o mundo...»

Esse lugar mágico, esse porto de abrigo onde todos querem atracar é um lugar de partilha, de descanso de uma jornada onde o amor se impôs e uniu o que antes estava separado. encurtando distâncias, tornando o ausente presente para que todos juntos se encaminhem para igual fim como se deseja, *Haja o Que Houver*:

«Haja o que houver / eu estou aqui / Haja o que houver / espero por ti / Volta no vento / Ó meu amor / volta depressa / por favor / Há quanto tempo / já esqueci / Porque fiquei / Longe de ti / Cada momento é pior / Volta no vento / Por Favor / Eu sei, eu sei / Quem és para mim / Haja o que houver / espero por ti...»

4. Aos que conhecem o último epistolário policopiado de larga circulação de Agostinho, como sejam as folhinhas *É a Hora* e *Uma folhinha de quando em quando*, bem como as restantes folhas/cartas policopiadas que escreveu e distribuiu até à sua morte, não lhes podem escapar os pontos de contacto de uns e outros. Não são de facto muitas as referências de Agostinho ao sentimento saudoso que tanto caracteriza a antropologia, a estética e a ontologia da portugalidade desde, pelo menos, as aventuras sebastianistas. Mas em *Reflexão à margem da literatura portuguesa* (1957), sem se referir diretamente à Saudade já é bem nítida a ideia que esta é sempre do futuro mesmo que as suas raízes estejam num passado ausente e mal compreendido. Olhar o futuro, é para si dar continuidade ao passado que foi interrompido, como explicita nesse texto a propósito de Camões e do Portugal que visiona, em clara sintonia com o que idealiza e representa:

«Camões ou Portugal, quando meditam sobre si, o que veem não é nenhuma das realizações de ideal que se podem apreender num certo lugar ou numa certa hora; o que eles veem é aquele mundo contemplado pelas almas quando ainda as não aprisionou o corpo. O mundo pelo qual Portugal



e Camões teriam gostosamente perdido a vida é o mundo não das existências, mas das essências; com uma condição, a de que não fossem essências intangíveis, puramente ideais; Portugal e Camões perdem a vida por um mundo, sempre de futuro e nunca de passado, um mundo em que finalmente se conciliassem, se unissem num só corpo de doutrina Aristóteles e Platão: em que o ideal fosse, ao mesmo tempo, do mundo dos sentidos.» (*Reflexão...*, pp. 53-54)

O modelo do futuro para Agostinho, tem a sua base na Idade Média em que Portugal era ecuménico verdadeiramente humano porque virado para o todo e não para as partes, interessado na partilha e não na fragmentação, causador do Ser relativizando o ter. É o exemplo do tudo em todos, de todos os viventes e a totalidade dos lugares.

Quando questionado diretamente sobre a Saudade como acontece em *O império acabou e agora?*, longa entrevista dada a Antónia de Sousa em 2000 e também *Vida conversável*, amena cavaqueira com Henryk Siewierski, editado em versão completa em 2020 pela Zéfiro, as suas palavras são de rejeição total, juntando os seus argumentos a alguns outros autores que também a combatem.<sup>4</sup>

Conversas na primeira pessoa, onde ficamos esclarecidos que para si o desafio é o horizonte, a dificuldade, o desejo de ir a um lugar pela primeira vez, quer para nós, quer para o mundo. O horizonte é onde o Sol, simultaneamente, se põe para uns e nasce, em lugar oposto, para outros: a emergência da luz para o mundo, vinda do mar e nele se ocultando, na tentação enorme do indivíduo indagar o que há do lado de lá.

Agostinho interessa-se pelo Portugal Maior, por aquilo que pode vir e deve ser na nova ordenação mundial. O passado, para si, passou e já não volta. A Saudade, o sentimentalismo passadista e lastimoso, a que junta o fado, são males que é urgente tratar numa ontologia alargada da portugalidade. E dá exemplos concretos: na poesia crítica António Nobre que nunca se importou com mar, tendo preferido alimentar a já extensa *indústria* da saudade escolhendo colocar “a melancolia a prazo no banco e passou a viver dos juros” (cf. *O império acabou...*, 2000, p. 155), ajudando a erigir o fado em canção nacional. Propõe-se por isso combater com todas as forças, a literatura e poesia sentimentalista, bem como a indústria do fado (cf. *ib.*, p. 156).

Opunha-se ao fado e não deixava de fazer comentários à corografia que ao tempo o envolvia espalhada pelas vozes de fadistas, homens e mulheres, vestidos de negro, como se os seus cantos e os seus trejeitos se achassem nas exéquias fú-

<sup>4</sup> Cf. Manso, Artur, “Antissaudosismo”, em Franco, J. E (dir.), *Dicionário dos antis. A cultura portuguesa em negativo*, vol. 2, Lisboa, IN-CM, 2018, pp. 1690-1695.



nebres de um qualquer ente querido, contando que neste contexto, se trata das exéquias fúnebres de Portugal:

«só o jeito mole com que o sujeito pega naquela guitarra e as boquinhas que faz para a sujeita [...] é das piores coisas que têm sucedido a Portugal essa indústria do fado [...] a música dolente, terrível, e o palavreado, as desgraças que sucedem a cada um e que põem em tanto português o gosto do desastre!» (ib., p. 157)

Erigir o fado como canção nacional é o mesmo que sepultar um Portugal total que continua bem vivo, embora com rumo pouco definido. Talvez hoje sobre o assunto não tivesse exatamente a mesma opinião, porque quer a corografia, quer a musicalidade, é bem diferente. Agostinho, com a frontalidade que sempre o caracterizou, verbalizava assim um sentimento comum a uma boa parte dos portugueses. Nunca questionou as qualidades, enquanto intérprete, da Amália Rodrigues, na altura, uma grande embaixadora de Portugal por via exclusiva do fado. Ofício que a tornou conhecida e reconhecida nos quatro cantos do mundo. E não deixa de ser curiosa a analogia que faz com o Eusébio, jogador de futebol de talento extraordinário. A Amália era excepcional, sim, sem dúvida. Mas acrescenta que o Eusébio também era, e com ele Portugal não se enreda na melancolia dos tempos passados. Entre Amália e Eusébio, não hesita em escolher o segundo que entendia valer “muito mais do que o fado!... Pelo menos dava pontapés direitos e para um determinado fito!” (ib., p. 157).

Durante o tempo longe da terra onde cresceu e se fez homem, com que a diáspora portuguesa alimenta a Saudade, refere nunca ter tido tamanho sentimento, mas sim:

«uma atitude um pouco diferente da maioria dos portugueses que não tiveram essa experiência do estrangeiro ou que nela ficaram sempre presos a alguma coisa que toda a gente declara que é fundamental na psicologia portuguesa e que é a saudade. A saudade, o tema glosado, filosófico, poético, etc., musical e toda essa espécie, daqui e da Galiza.» (*Vida conversável*, 2020, p. 126)

Para si, não faz sentido ter saudades das pessoas e dos lugares que estão na nossa ausência, no todo ou em parte, por mais ou menos tempo. Em seu entender o que portugueses e galegos fazem com os discursos em torno da saudade é confundir os dois sentimentos:

«aqueles de quem gosto, os meus amigos, nunca estão ausentes, estão sempre presentes. Só tem saudades aquele que deixa que haja a ausência das pessoas.» (*Vida conversável*, p. 126)



5. O sentimento saudoso de Agostinho e as composições dos MadreDeus diluem-se no mar, no horizonte ou no que virá, no espírito da criança e no amor cósmico. Em ambos há uma preocupação em pensar Portugal e o seu destino, no estabelecimento de uma prática de ser português que perdura em todos os tempos e que a modernidade se envergonha de aceitar. Algo que na formação musical de Ayres Magalhães, irá, parece-me, ressoar um pouco mais ao tradicional sentimento saudoso como está presente em *Movimento* (2001) que diz em *A Quimera*:

«Quimera / Louca espera / Como eu quisera adivinhar / Se vou ser como era / Ser como era / Quando o meu amor chegar / Ah, já vi, tanta miséria / Tanta gente a delirar / Vou ou não ser como era / Quando o meu amor voltar / Serão dias ou anos / Vou ou não repousar / Esse tempo que eu espero / Tarda tanto em chegar / Enquanto / Conto os dias / Vou vivendo sempre assim / Tornando / A espera louca / já te sinto ao pé de mim / Ah, já vi, tanta saudade / Ser uma espera sem fim / Que certezas só terei / Se estiver ao pé de ti / Serão dias ou anos / Vou ou não repousar / Destes doces enganos / Que me fazem esperar.»

De novo a espera é mediada pelo amor, aqui entre os seres, a diversidade do sensível, com o desejo do inteligível. O amor é o fio de Ariadne como é evidente em *O labirinto parado*:

«Perdi-me num labirinto de saudade / Sem ti / À montanha / Dos sítios que não mudam / Subi / E ao abismo / Do vertiginoso futuro / Desci / Procurei para o sol / Procurei para o mar / Mas sem ti / No céu da paisagem daqui / Afinal não saí / Mas sem ti / No céu da paisagem perdi / A noção da viagem / Na pedra já mais que branda da memória, / Escrevi / Com o tempo / que o musgo vai levando a crescer / Com o brilho que a esperança nos faz / no olhar / Escrevi / Que a saudade é prima afastada do vagar...»

E para que dúvidas não restem aparece grafado em *O Segredo do Futuro*:

«O segredo do futuro, / é o amor / Um amor sublime e puro, / O belo amor / Só o amor / Resolve tudo numa esperança maior / Sem amor / O que foi grande é já menor / Sem amor / O que era bom ficou pior / ... / Eu vejo o tempo a passar muito depressa / E ao longe essa esperança / Que sinto apagar / Chamou por mim / Para eu a chamar / A ideia de amor / Aconteceu / Na estrada da Terra até ao Céu / A ideia de amor não se perdeu / E devolveu tudo o que se deu / A chave do futuro é dar de novo amor / A todo o outro... / O outro que és tu, e ele, e eu, / A sós neste mundo...»

Só o amor é infinito na constelação dos seres que desunidos procuram o elo que os conduza à unidade que sentem perdida e desejam encontrar, e por isso escreve em *Um Amor Infinito* (2004):



«Dizem que um amor infinito / Já não há, / Porque não pode ser. / Que um amor, se Divino, / Já não há / Nem se vai conhecer! / E eu não acredito: / Não sei como eu não acredito / E peço para ver... / Eu só peço para ver, / Ainda peço para ver... / Um amor infinito / Já não há; / É impossível haver! / Dizem que um amor / Consentido / Já não há / Nem se pode entender. / ... / Dizem que um amor infinito / Já não há, / Nem há tempo a perder. / Que um amor, um princípio / Já não há, / Nem há nada a dizer...»

Ver esse amor que não inicia nem cessa, que se mantém constante em uma dimensão outra que os humanos não alcançam é um contentamento sem fim como grafa em *Ó Luz da Alegria*:

«Eu ouvi um sereno canto / Nas alturas do céu cantar / E as montanhas da minha terra / Em silêncio a escutar / Eu ouvi um canto sereno / Nas douradas ondas do mar / E nas praias da minha terra / Muita gente a escutar / Ó Luz da Alegria / Ó Alma da Vida! / Ó Luz da Alegria / Só te vê quem dá / Das montanhas da minha terra / Às sagradas praias do mar / Toda a gente escutando espera / O Divino Cantar...»

A saudade continuará guiada pelo amor, em um registo mais tradicional, de recordação desse tempo ido e da melancolia de a ele não poder regressar como é visível nessa viagem a bordo das *Faluas do Tejo* (2005) onde se ecoa o *Canto Da Saudade*:

«Eu canto a imensa saudade que a cada dia me assalta / Saudade e sabor de amizade, do teu amor que me falta / Do medo, à incerteza; de ti, à solidão / É o canto da saudade, o brilho de uma estrela / O canto da saudade que prende a gente nela / Cantando, regresso à lembrança do saudoso amor que vivi / Lembrando, desato cantando, cantando as saudades de ti / Do medo, à incerteza; de ti, à solidão / É o canto da saudade, o brilho de uma estrela / O canto da saudade que traz a gente presa...»

A síntese dos dois procedimentos, aquele que liga o cancionero dos Madredeus à saudade agostiniana e aquele que dele se afasta na insistência de um tempo áureo perdido, de um bem maior do qual continuamos desligados e também da ideia de um Portugal maior povoado de seres excepcionais e feitos extraordinários que só resta o registo nos manuais de história e na tradição popular mais ou menos bélica, que gosta mais de recordar a guerra e o terror do que a paz e o amor, acabava por ser síntese do álbum *Capricho sentimental* (2015) que abre com *Existimos no céu*:

«A tua presença / Desta moda imaterial / Acende a luz das praças / O calor essencial / Quando a tua voz ausente / Vem e chama / Moras nesse mundo



/ Em que mora o sentimento / Vens de além de tudo / Acordar por um momento / Este coração esquecido / Que te chora / E subimos ao céu / Mais uma vez / Eu e tu, tu e eu / E dançamos no céu / E sorrimos no céu / Ainda mais uma vez / Eu e tu, tu e eu / Existimos no céu / Se um dia voltares / E nos virmos finalmente / Tudo irá mudar / Tudo irá ser diferente / Partiremos tu e eu / Desta terra / Se um dia voltares / Se te vir à minha frente / Vamo-nos amar / E tocar-nos realmente / Juntos a olhar p'ra o céu / Desde a terra...»

A existência é um processo evolutivo e construtivo de novos significados a cada dia que passa. É um movimento que não cessa de procurar a perfeição, o pleno, mas que para tanto tem acessos de incompletude como se refere em *A espiral*:

«Oiçam as águas das fontes: / Cantam saudades do mar! / Frescas, as névoas nos montes, / Deixam a calma no ar. / Aspiro ao silêncio profundo / Que vive no ser natural, / E sou testemunha de tudo... / Elevo-me numa espiral! / E voo por cima das copas / Das árvores que estou a ver, / E deixo de contar as horas / Do tempo que deixei de ter... / Passeio nos bosques do outono; / Há folhas caídas no chão. / Das árvores desnudas, o vento / Levou toda a sombra do verão... / Respiro, abrigada do frio, / Memórias dum tempo estival. / Caminho afastando as folhas, / Cercada das cores outonais. / E voo entre as estações, / De novo numa espiral, / E deixo de contar as horas... / Do tempo, nem um sinal! / Minutos na vida, são horas; / Os dias são anos, também. / Os anos do mundo são vidas; / Mas, vidas, minutos no Além! / E voo no fim das estações, / De novo numa espiral, / E deixo de contar as horas... / Do tempo, nem um sinal!»

Seria estulto não ligar este lamento, também, à própria portugalidade e ao emaranhado de contradições que se estabelecem nesse entretempo onde passado e futuro se cruzam num horizonte dificilmente alcançado de um tempo renovado pela ação dos portugueses como também proclamava Agostinho. No mesmo registo Ayres Magalhães escreve em *Na Lusitânia*:

«Olhem à nossa volta: / Já se ergue outro clamor! / Olhem à nossa volta: / Todos cantam com seu fervor! / Vamos sair, / Vamos cantar / Outra vez amanhã, / Outro canto de esperança. / Vamos trazer, / Vamos sentir / Amanhã outra vez: / Mais um pouco de esperança! / Na Lusitânia, fogo! / ... / E o fumo anda no ar / ... / Acendem-se as fogueiras / ... / E os homens estão a cantar! / ... / Lai-la-ra lai-lai-la la-ra...»

A força de um povo como aqui se vê na linha daquilo que Agostinho também afirmava, não se manifesta no seu espírito guerreiro, bélico, de morte e sangue derramado, mas de são convívio onde todos cabem na construção do entendimento entre os povos, sem primazias de qualquer espécie, em plena celebração,



apenas da alegria de viver com os olhos postos no futuro. Em relação a Portugal o próprio Agostinho criticava abundantemente, à semelhança do que acontece com todos os Hinos nacionais de todos os povos e lugares que os mesmos fossem canções bélicas, elegias ao espírito guerreiro e combativo que triunfou pelas armas e pelo sangue derramado perante outros seres com os mesmos propósitos, tendo sempre por finalidade relevar o espírito de valentia de uns e outros, da afirmação da força, da diminuição do todo em relação às partes que se digladiam, da afirmação do eu individual sobre o bem comum.

Mas o tempo não alterará a vontade dos homens porque do amor desejado e do tempo passado, apenas fica em cada um o desejo de mergulhar na eternidade representada ou redefinida em *Águas passadas*:

«Mil sentimentos desaguaram / Ao longo dos tempos, na foz desta alma  
/ E mil armadilhas saltadas / Baixou a maré, e nasceu esta calma. / Águas  
passadas não movem moinhos / E a pedra da mó vai ter de girar; / São  
terras pisadas que fazem caminhos: / De mágoas e risos se fazem bons  
vinhos! / Águas paradas não gastam as margens, / Mas são como um es-  
pelho: refletem imagens... / E as estrelas lá em cima, / Segredam futuros e  
fados e sinas / E dizem que o tempo me traz, / Transparente e certo, uma  
boa sorte.»

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO DA SILVA: *Reflexão à margem da literatura portuguesa*, em *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, Âncora Ed., 2000, pp. 25-87; *Vida conversável*, Zéfiro, 2020; *O império acabou e agora?* (Entrevista a Antónia de Sousa), Ed. Notícias, 2000.
- MADREDEUS – ÁLBUNS/ LETRAS: *Os Dias da MadreDeus* (1987); *Existir* (1990); *O Espírito da Paz* (1994); *Ainda* (1995 – banda sonora do filme *Lisbon Story* de Wim Wenders); *O Paraíso* (1997); *Movimento* (2001); *Um Amor Infinito* (2004); *Faluas do Tejo* (2005); *Essência* (2012); *Capricho Sentimental* (2015).

